

**Recursos diferenciados na cobertura dos atos de janeiro de
2023 em Brasília:
Jornalismo sob ataque**

**Differentiated resources in covering the January
2023 events in Brasília:
Journalism under attack**

**Recursos diferenciados para cubrir los acontecimientos de enero de
2023 en Brasilia:
el periodismo bajo ataque**

Simone Antoniaci Tuzzo

Universidade da Maia – UMAIA – Porto – Portugal

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9401-6510>

Endereço currículo Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9376233659808755>

E-mail: [https://www.simonetuzzo.com/
santoniaci@umaia.pt](https://www.simonetuzzo.com/santoniaci@umaia.pt)

Ana Carolina Rocha Pessôa Temer

Universidade Federal de Goiás – UFG – Goiás – GO – Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2142-5855>

Endereço currículo Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2424054335258827>

E-mail: anacarolina.temer@gmail.com

Resumo: Este estudo analisa o material jornalístico veiculado durante a cobertura dos atos de vandalismo e depredação de prédios públicos em 8 de janeiro de 2023 em Brasília, Brasil. Buscando responder à questão: quais foram as estratégias utilizadas pela Rede Globo de Televisão/ Globo News para a realização de uma cobertura jornalística em um ambiente hostil à imprensa? são realizadas pesquisas qualitativas, com retrospectiva dos ataques aos jornalistas no Governo Bolsonaro; análise da cobertura das agressões aos espaços públicos e suas repercussões; e debate conceitual sobre conteúdos participativos e colaborativos. A partir da Análise Audiovisual e Análise de Discurso Crítica é possível verificar que as agressões físicas prosseguem nas redes sociais, afetando o modelo de telejornalismo e alavancando a dramaticidade das coberturas.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa; Jornalismo; Ataques aos jornalistas; Vandalismo; Bolsonarismo.

Abstract: This study analyzes the journalistic material broadcast during the coverage of acts of vandalism and vandalism of public buildings on January 8, 2023, in Brasília, Brazil. Seeking to answer the question: what were the strategies used by Rede Globo de Televisão/Globo News to carry out journalistic coverage in an environment hostile to the press? qualitative research is carried out, with a retrospective of the attacks on journalists during the Bolsonaro Government; analysis of coverage of attacks on public spaces and their repercussions; and conceptual debate on participatory and collaborative content. From Audiovisual Analysis and Critical Discourse Analysis it is possible to verify that physical attacks continue social networks, affecting the television journalism model and leveraging the drama of coverage.

Keywords: Qualitative research; Journalism; Attacks on journalists; Vandalism; Bolsonarism.

Resumen: Este estudio analiza el material periodístico difundido durante la cobertura de actos de vandalismo y vandalismo a edificios públicos el 8 de enero de 2023 en Brasilia, Brasil. Buscando responder a la pregunta: ¿cuáles fueron las estrategias utilizadas por la Rede Globo de Televisão/Globo News para realizar cobertura periodística en un ambiente hostil a la prensa? se realiza una investigación cualitativa, con una retrospectiva de las agresiones a periodistas durante el Gobierno de Bolsonaro; análisis de la cobertura de ataques a espacios públicos y sus repercusiones; y debate conceptual sobre contenidos participativos y colaborativos. Desde el Análisis Audiovisual y el Análisis Crítico del Discurso es posible comprobar que las agresiones físicas continúan en las redes sociales, afectando el modelo periodístico televisivo y potenciando el dramatismo de la cobertura.

Palabras clave: Investigación cualitativa; Periodismo; Ataques a periodistas; Vandalismo; Bolsonarismo.

1. Introdução

No dia 8 de janeiro de 2023 o Brasil acompanhou pela televisão, em transmissões ao vivo, a invasão e vandalização dos prédios públicos localizados na Praça dos Três Poderes, local que, no Planejamento Urbanístico de Brasília está localizada no final de uma grande avenida que culmina no espaço onde estão localizadas as sedes dos poderes da República, o Palácio da Alvorada, local de despachos da Presidência da República, a sede da Câmara e do Senado Federais, e o Prédio no qual funciona a Suprema Corte Brasileira.

A cobertura deste acontecimento se desenrolou em várias etapas, cujos ecos reverberam até mesmo aspectos da cobertura do período pré-eleitoral de 2022. Seguindo um modelo já consolidado em outras campanhas, a imprensa se esmerou na cobertura do período eleitoral, patrocinando debates e acompanhando os candidatos, em particular aqueles com maior índice nas pesquisas eleitorais, permanecendo atenta ao acompanhamento das contagens dos votos até o anúncio oficial da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva.

Definida a eleição, como era previsível, a imprensa acompanhou os movimentos do presidente eleito, mas manteve o tom de destaque e/ou disputa em um período que foi chamado de terceiro turno. Paralelamente à divulgação de detalhes sobre os trabalhos de transição para o novo governo e a posse do Presidente eleito, divulgou informações sobre a ausência de declarações do candidato perdedor e uma possível intenção dele se afastar do país.

A cobertura ganhou ares mais dramáticos a partir da tentativa de atentado à bomba e atos de vandalismo que ocorreram no dia da diplomação do Presidente Eleito; e nas negociações para desmontar os acampamentos dos manifestantes contrários às eleições, em frente aos quartéis do exército em várias cidades brasileiras, incluindo Brasília.

Nas eleições e posses presidenciais, a cobertura já é uma rotina para as emissoras de televisão, mas essas ações também adquiriram um diferencial em 2023, uma vez que durante o seu mandato de quatro anos Jair Bolsonaro (candidato derrotado) criou um ambiente hostil para a imprensa (Tuzzo; Temer, 2021) se negando a dar entrevistas, dificultando o acesso a informação e usando uma fala semanal pelas Redes Sociais para se manifestar. Nesse ambiente, repórteres (e em particular mulheres jornalistas) foram agredidos por Bolsonaro e seus apoiadores bolsonaristas.

A partir destes elementos, a cobertura das agressões, invasões e depredações realizada no dia 8 de janeiro de 2023 remete ao uso de recursos diferenciados, não apenas em função de sua importância, mas também porque envolve novas linguagens os novos usos dos recursos no telejornalismo.

Diante disso, este estudo tem por objetivo destacar como a valorização do jornalismo se desloca para o uso de comentaristas/especialistas, e como isso oblitera a

ausência dos profissionais em loco, respondendo à questão central: quais foram as estratégias utilizadas pela Rede Globo de Televisão/ Globo News para a realização de uma cobertura jornalística em um ambiente hostil à imprensa?

Metodologicamente são realizadas pesquisas qualitativas (Chizzotti 1991; Flick 2009; Malhotra 2006), com retrospectiva dos ataques aos jornalistas durante o Governo Bolsonaro (Brandino 2021; Farias 2020); análise das imagens e da cobertura dos fatos de agressões aos espaços públicos e suas repercussões (Temer 2014, 2015; Tuzzo; Temer, 2021), além de um debate conceitual sobre conteúdos participativos e colaborativos (Tuzzo; Temer, 2021; Franciscato; Góes 2012).

A partir da Análise Audiovisual e Análise de Discurso Crítica (Becker 2012; Fairclough 2003; Magalhães 2005) verificamos que a repetição das agressões, que não finda nos fatos, mas prossegue com comentários dos grupos bolsonaristas nas redes sociais, afetaram o modelo de telejornalismo e a prática profissional, demonstrando que a relação entre a política e o jornalismo no Brasil está mais tensa, alavancando a dramaticidade das coberturas, o que nos leva a concluir que este fenômeno comunicacional pode resultar em conquista de leitores e audiências, mas também afetar a dinâmica interna das empresas jornalísticas.

2. Contextualização do Objeto de Pesquisa - A Presença Fantasma

O ainda Presidente Jair Bolsonaro deixou o Brasil no final de 2022, três dias antes da transmissão oficial do cargo (1 de janeiro de 2023), viajando para a Flórida – EUA, no avião presidencial brasileiro. A viagem foi o ápice do silenciamento que se seguiu após a derrota nas urnas, período no qual o então presidente fez uma única e breve declaração pública, e uma longa *live* na véspera da viagem.

Ausente na cerimônia de posse, e sem reconhecer a vitória de Lula, Bolsonaro foi uma presença fantasma nas manifestações e protestos que surgiram a partir da sua derrota nas urnas, sendo ordinária a citação de seu nome em faixas e apelos diversos.

Eleito em circunstâncias específicas, Bolsonaro e sua equipe cresceram com o uso estratégico das redes sociais, capitalizando uma parcela conservadora da população

brasileira e dando origem ao bolsonarismo (movimento político/ideológico capitaneado pelo Presidente Jair Messias Bolsonaro).

Na esteira de movimentos conservadores em outros países, o bolsonarismo trouxe à tona o Brasil conservador, com discursos patriarcais que valorizam as famílias tradicionais, condenam o aborto e glorificam o passado autoritário do Brasil.

À essa visão conservadora soma-se a aposta da nova direita no uso da informação como objeto de consolidação de poder. Em uma distorção as denúncias de que “existe um conflito entre a verdade e a política”, (Arendt 1967) a nova direita que não tem pudor em divulgar versões ou mesmo mentiras que a beneficie. Estas ações não apenas aprofundam o tensionamento do Estado com a imprensa, mas efetivamente criam um ambiente hostil entre eles.

No contexto do Bolsonarismo, a força da imprensa passou a ser questionada pela ampliação de informações não jornalísticas, incluindo o falseamento de dados e mentiras grosseiramente chamadas de *fake news* (Brandino 2021). Esse material tem também um uso político, e especificamente no Brasil, foi utilizado para o fortalecimento do ex-presidente Bolsonaro, inclusive com o levantamento de suspeitas (ou mesmo críticas diretas) aos veículos de imprensa, que passam a ser descritos como pouco confiável, esquerdista ou comunista (sic).

Em termos práticos, a Globo News, o Jornal da Band e o Jornal Nacional do dia 30 de março citaram dados do Departamento de Estado dos Estados Unidos que imputam a Jair Bolsonaro a autoria de 53 agressões a jornalistas. Uma das consequências da relação conflituosa de Bolsonaro com a imprensa (Farias 2020) foi o de 67% na violência contra jornalista no Brasil, situação que levou o país a ocupar o 107º lugar do mundo na violência contra os jornalistas.

3. Televisão, Telejornalismo, conteúdos colaborativos e participativos

A televisão nasce ao vivo, mas o telejornalismo que “falava as notícias” atrás de uma bancada no estúdio, ou que era um pouco mais do que um rádio ilustrado, tinha um apelo pouco sedutor para os telespectadores. Para superar essa limitação, o telejornalismo buscou desenvolver uma linguagem própria, que o tornasse reconhecido ou facilmente identificável no conjunto da programação televisiva.

Em princípio, “a tevê se dirige ao público através do vídeo, simulando um contato direto e pessoal com essa 'função-indivíduo' que se supõe ser o telespectador” (Sodré 2001, p. 55). Para obter esses resultados o telejornalismo (em particular na televisão de sinal aberto) buscou uma linguagem próxima ao coloquial, mas também uma estrutura interna que valorizasse o status dos seus participantes e sua própria importância estratégica dentro da programação televisiva. Sua localização nos horários específicos – intervalos para o almoço ou jantar – busca fazer com que nestes horários determinados os receptores se voltem para esse conteúdo para “acompanhar os fatos do dia”.

Uma vez que o telejornalismo é o jornalismo na e para a televisão, ele assume o papel de veicular notícias sobre os fatos que ocorrem no meio social. Ao trabalhar com fatos – teoricamente inéditos, exóticos e singulares – a produção jornalística assume a possibilidade concreta e cotidiana de “interpretar” a realidade social, seguindo rotinas editoriais, condições técnicas e procedimentos de seleção, hierarquização e publicação de determinados olhares que integram e agem na vida social. A produção periodística torna-se, assim, um discurso que, ao apresentar-se como “porta-voz” de determinados olhares – marcados pela busca da pluralidade, proximidade, universalidade, periodicidade, interesse coletivo, dentre outras características, participa da instituição, manutenção ou projeção das relações do espaço simbólico, geográfico e cultural em que os produtos jornalísticos circulam (Gadini 2008).

Evidentemente, tanto a cultura profissional quanto as práticas jornalísticas (as atividades dos profissionais dos jornalistas) são afetadas pelo contexto social e pelos aspectos técnicos tecnológicos. Nesse contexto, um dos elementos que tendem a garantir o interesse do receptor é a questão estética. No telejornal o uso das cores, o ambiente no estúdio, mas também os enquadramentos nas filmagens externas e a utilização de vinhetas, ilustrações e outros recursos técnicos é planejado para dar conforto visual ao receptor.

Dessa forma o telejornal não é necessariamente belo, mas é sempre sedutor, agradavelmente fácil de ser compreendido – com verbalizações que reforçam e/ou explicam as imagens e vice-versa. No telejornal as imagens que fascinam pela estética – independentemente do tamanho da tragédia, a imagem sempre sedutora situa o receptor dentro do fato. Mas o telejornal também seduz pela rapidez e variedade da

imagem/informação, que – sempre que necessário – é recortada, iluminada, destacada, apresentada de forma acelerada ou lenta, no sentido de tornar mais fácil o seu deslindamento.

Consequentemente, o telejornalismo exige constantes (e necessários) investimentos em tecnologia, sempre pressionado em buscar novos recursos técnicos visuais que garantam variedade e qualidade nas imagens, como investimentos em recursos de captação de imagens aéreas, inicialmente com o uso de helicópteros e mais atualmente com o uso de drones, recurso mais versátil, prático e econômico.

A busca pela qualidade imagética envolve também a aderência às tecnologias digitais e o uso da internet para transmissão de imagens. Inicialmente vistos como uma ferramenta para acessar informações e instrumento facilitador da produção/edição de conteúdo, outros usos associados às tecnologias digitais se impuseram, entre eles a ampliação do uso dos conteúdos participativos e colaborativos.

Entende-se como conteúdo participativo os diferentes tipos de registro audiovisual, como áudio, vídeo e fotografias capturados por amadores e enviados à equipe de produção de um telejornal; ou capturada por essa equipe diretamente das Redes Sociais, com o objetivo de ilustrar/compor uma reportagem. Acrescenta-se que conteúdos participativos, envolvem uma contribuição voluntária, nem sempre de boa qualidade, e sem garantias de veiculação.

Já os conteúdos colaborativos incluem entrevistas e participações diversas, nos quais personagens (políticos ou especialistas, de uma forma geral, mas eventualmente testemunhas dos fatos e depoentes diversos) concordam em ser entrevistados de forma remota durante a exibição de um telejornal, usando para isso recursos próprios (computador e internet).

Da mesma forma que o uso dos conteúdos participativos e colaborativos, foi ampliada durante a pandemia da Covid-19, a captação de imagens por drones e o uso de conteúdos colaborativos e participativos, que já ocorriam, também foram potencializados.

Paralelamente, as tensões entre o telejornalismo e o Governo foram ampliadas, em grande parte em função da oposição da imprensa ao discurso negacionista do ex-presidente Bolsonaro, que rapidamente ganhou eco nas redes sociais. O resultado foi a cisão da sociedade, com grupos a favor e contra as medidas sanitárias. Para além da

polarização, as críticas à imprensa evoluíram para ataques contra jornalistas, com ações que iam desde a interrupção dos trabalhos, até agressões físicas.

As empresas de telejornalismo reagiram com a adoção de maiores cuidados com a integridade física dos profissionais e denúncias sobre as agressões, além de eventuais ações na justiça. As agressões e depredações de equipamentos começaram a se refletir em afastamentos físicos, seleção mais cuidadosa dos entrevistados externos e o uso de equipamentos que permitiam um maior distanciamento nas captações de imagens. (Tuzzo; Temer, 2021).

4. Metodologia

O aspecto a ser destacado neste artigo pela pesquisa qualitativa, envolve o acompanhamento sistemático do telejornalismo durante a campanha eleitoral brasileira em 2022 e no período pós-eleitoral 2022 e 2023, em prosseguimento às pesquisas já realizadas pelas autoras, publicadas em artigos científicos.

A amostra do material analisado foi recolhida a partir das produções da Rede Globo de Televisão – Globo News e canal aberto, veiculado em diversos telejornais da emissora tanto em sua versão gratuita como em sua versão por assinatura, cujo foco fosse a cobertura dos fatos de agressões aos espaços públicos e suas repercussões, sobre o vandalismo praticado pelos bolsonaristas no dia 08 de janeiro de 2023 em Brasília, além de um debate conceitual sobre conteúdos participativos e colaborativos.

Com relação à recolha dos dados, foi realizado o acompanhamento sistemático durante o fato; realizada a recuperação do material pelos sites da Rede Globo e Globo Play. A codificação foi feita a partir da análise das imagens, ângulos de filmagem e a verificação da existência ou não de repórteres externos. Além disso a verificação de existência ou não de conteúdos participativos e colaborativos.

A pesquisa qualitativa objetiva buscar dados que destacam como esse ambiente afetou aspectos práticos da cobertura telejornalística das ações do dia 8 de janeiro de 2023, incluindo destaque sobre novos formatos e novos usos de tecnologias de imagens e de conteúdos participativos, a ampliação do espaço para o gêneros e formatos opinativos e colaborativos como reforço da dinâmica imagético/informativa do telejornalismo (Temer; Santos 2021).

A escolha pela pesquisa qualitativa tem respaldo em Chizzotti (1991, p. 27) que afirma que “a pesquisa qualitativa ressalta as significações que estão contidas nos atos e práticas”, e em Flick (2009, p. 21) que assevera que “a análise dos significados subjetivos da experiência e da prática cotidianas mostra-se tão essencial quanto a contemplação das narrativas e dos discursos”; e complementa, assegurando que na sociedade contemporânea, com as mudanças sociais aceleradas e a consequente diversificação das esferas da vida, os investigadores estão enfrentando novos desafios, e sendo obrigados a utilizarem-se cada vez mais de estratégias indutivas. Assim, a pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos ou acontecimentos a partir de seu interior, de dentro para fora, compreendendo a visão de pessoas envolvidas e as situações sociais relevantes em um cotidiano.

Como se trata de uma cobertura única, a amostra está classificada como aleatória por conveniência e, segundo Malhotra (2006) não carece de uma quantificação, sendo indicada para uso nos projetos de pesquisa qualitativa, pois se baseia totalmente nas preferências do pesquisador. No caso específico deste trabalho, ela se detém na cobertura feita pela Rede Globo de Televisão, que passou a transmitir em Rede com a GloboNews, emissora codificada pertencente a mesma holding, mas que reúne desde repórteres quanto comentaristas especializados em política.

O ponto de partida para a compreensão do conteúdo efetivamente veiculado é a Análise Audiovisual, procedimento qualitativo que busca a compreensão dos diferentes elementos que contribuem para a construção dos produtos audiovisuais a partir de três fases: descrição; análise televisual e interpretação dos resultados, em uma proposta que trabalhada a partir de uma variante do modelo proposto por Becker (2012).

Nesta pesquisa, pretende-se contrapor os aspectos técnicos que caracterizam o telejornalismo aos elementos qualitativos da Análise Audiovisual, com destaque para as questões que caracterizam o modo como o produto audiovisual se apresenta, no enquadramento adotado.

A Análise Audiovisual se inicia com a delimitação da tematização, termo que se refere a salientar a importância de um assunto ou tema, “colocá-lo na ordem do dia da atenção do público” (Wolf 2003, p.165) por meio de uma cobertura mais enfática ou

repetitiva. Uma vez que se trata de uma cobertura específica de um acontecimento excepcional, a questão da tematização já está previamente definida.

Ressalta-se que as tematizações prosperam a partir de temas/assuntos com potencial jornalístico, em uma superexposição que cria um processo de retroalimentação com tendência a aumentar a sua importância. Em um caminho inverso, entende-se que a própria proposta de uma cobertura especial é um indício do seu valor para tematizações futuras.

A tematização tende a ser acompanhada por estratégias de enquadramento, que por sua vez diz respeito ao direcionamento do olhar e à forma ou angulação pelo qual o tema/assunto é reportado. Assim, pretende-se verificar se a cobertura valorizou o enquadramento episódico, concentrando-se nos personagens envolvidos (Franciscato; Góes 2012, p. 296), uma tendência no telejornalismo contemporâneo, além de utilizar recursos sensacionalistas, dando ênfase na oralidade e na repetição de palavras, na adoção de associações e redundâncias entre imagens e linguagem verbal.

Um aspecto a ser verificado é se as narrativas destacam relações diretas ou indiretas entre os elementos visuais e as informações verbais, reforçando/dramatizando o assunto e a própria dinâmica da cobertura.

Outro elemento importante é a presença de modais. O termo modal/modais é utilizado para a definição de meios ou logísticas de transporte. No jornalismo, os modais são formados a partir de tematizações/enquadramentos evidenciados ou apoiados por matérias, análises ou narrativas descritivas (aparentemente neutras), mas que se conectam ou reforçam um direcionamento com viés político/ideológico, que também reforçam sua importância.

Especificamente no telejornalismo, é importante verificar se o uso de modais instrumentalizam as percepções específicas do espaço (real e simbólico) do mundo ou da sociedade por meio de *percepções associadas*, em uma relação sutil de espelhamentos imagéticos e verbais, em um jogo de inter-retroações, solidariedade dos fenômenos e obliteração das contradições. Em um exemplo simples, nas grandes cidades como São Paulo (BR), um material jornalístico sobre chuvas intensas funciona como modal para considerações sobre o agravamento da circulação de veículos/problemas de trânsito.

Para análise dos conteúdos textuais, este artigo foi escrito a partir da análise de discurso crítica, fundamentada em Fairclough (2003), e se firma em uma percepção da linguagem como parte irreduzível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais.

No conjunto, ainda que utilizando diferentes abordagens, o artigo adota uma análise crítica, ou de uma perspectiva crítica para a análise, em um processo que tem como objetivo contribuir para o debate de questões ligadas à ciência social crítica e à pesquisa crítica sobre a mudança social (Magalhães 2005).

5. Sobre o jornalismo e seus compromissos diante do episódio de 8 de janeiro de 2023

O jornalismo se justifica pelo vínculo com o relato verdadeiro, portanto, a credibilidade é o "capital simbólico do jornalismo" (Sodré 2009, p. 42). Dessa forma, as empresas jornalísticas trabalham no sentido de ampliar esse capital em uma estratégia para manter e ampliar as condições para sua existência.

Uma das ações para ampliar a credibilidade do telejornalismo é inserir o repórter no local do fato.

Essa norma foi seguida na cobertura das eleições brasileiras de 2022, no período determinado pela legislação para transição de governos e na posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, evento que teve a presença estimada de mais de trinta mil pessoas, também recebeu uma atenção especial da mídia. Além da presença física dos profissionais, equipamentos de filmagens fixos ou móveis que foram dispostos em locais estratégicos.

Contudo, o evento de vandalismo e depredação ocorrido na semana seguinte à posse do Presidente Lula não recebeu os mesmos cuidados no planejamento da cobertura. É possível inferir que em parte os próprios profissionais de imprensa, e em particular aqueles especializados em política, estivessem com o olhar voltado para as primeiras ações do Governo recém-empossado.

A manifestação não era ignorada pela mídia, que noticiou a chegada de dezenas de ônibus com manifestantes em Brasília. Ainda assim a cobertura começou com um

acompanhamento discreto dos manifestantes que seguiam a pé pelo eixo monumental. Aparentemente não havia repórteres no local da marcha e, pelo ângulo das imagens veiculadas, as cenas foram capturadas do alto, possivelmente com o uso de drones.

Esse posicionamento prevalece mesmo depois que se realiza a invasão do Congresso e do Senado, e se desloca de forma gradual (ainda que mais lenta) quando os vândalos se dirigem para o Prédio do Supremo.

Após o rompimento do cordão de isolamento que protegia os prédios, a cobertura jornalística muda de caráter, e se desloca para o estúdio de televisão. A Globo News passa a transmitir em Rede com a Rede Globo de Televisão, e comentada pelos especialistas em política. Como contraponto, são apresentadas entrevistas – conteúdos colaborativos – com membros do novo governo e autoridades diversas, além de especialistas em legislação e segurança. Entrevistas com o formato tradicional e *stand-up* ao vivo com manifestações do ministro da Justiça e do próprio Presidente Lula também estão presentes na cobertura.

As imagens capturadas pelas câmeras de vigilância dos prédios invadidos (conteúdos participativos) ganham destaque, mas a dramaticidade da situação é reforçada pelos comentários indignados dos jornalistas/comentaristas.

6. Análises e Resultados

A análise de um modelo ampliado do telejornalismo contemporâneo no Brasil aponta que os conceitos de neutralidade, que funcionam como um ritual estratégico (Tuchman 1999), foram tensionados no período pré-cobertura dos eventos de vandalismo do dia 8 de janeiro de 2023.

Isso fica claro quando consideramos que o potencial agressivo das manifestações já era conhecido pelo telejornalismo; porém, tanto a GloboNews quanto o jornalismo da Rede Globo de Televisão não fizeram coberturas específicas, se limitando a anunciar o ato.

Esse elemento reflete uma decisão editorial complexa, já que um destaque poderia funcionar como incentivo para ampliar o número de manifestantes.

Mais do que cuidado e distanciamento inicial com relação à cobertura da manifestação, o ângulo de filmagem indica que o acompanhamento dos manifestantes até a Praça dos Três Poderes foi feito por drones, e a locução dos fatos acompanhada por noticiaristas no estúdio (e não no local).

Essa limitação explica o motivo de inicialmente não haver destaque para o número pequeno de policiais acompanhando os manifestantes, mas também retoma aspectos sobre a responsabilidade do jornalismo na divulgação de dados potencialmente perigosos. Vale destacar que embora as imagens de cenas exibidas posteriormente apontem a obviedade destes dados, os jornalistas não são especialistas em segurança e suas atenções estavam voltadas para outros aspectos da manifestação.

Essa percepção surge de forma progressiva, mas as indagações diretas sobre o policiamento crescem após os manifestantes romperem o perímetro dos prédios. É a partir deste momento que a cobertura toma novos rumos: especialistas em política são reunidos no estúdio (da Globo News) e passam a questionar as ações das autoridades policiais. Constata-se, a partir desse ponto, um claro enquadramento crítico, com as imagens servindo de modais para críticas às redes sociais e aspectos diversos do período no qual o ex-presidente exercia o cargo.

Uma análise do material indica que as imagens dos manifestantes fazendo *selfies* ou filmagens, mobilizou uma busca nas redes sociais por novas imagens (conteúdo participativo não autorizado). Também foram mobilizadas equipes das emissoras afiliadas para obter declarações das autoridades que estavam geograficamente distantes de Brasília, caso do próprio Presidente Lula, que visitava o interior do Estado de São Paulo.

Embora algumas entrevistas tenham sido exibidas ao vivo e declarações transmitidas em tempo real, o material foi pontilhado por conteúdos colaborativos (principalmente entrevistas) e material participativo, obtido pelas redes sociais e pelas câmeras de vigilância (Temer, 2015).

A partir deste ponto, a cobertura perde a sua predominância informativa e passa para análises opinativas dos especialistas em política. A exposição dos fatos se concentra no valor informativo nas imagens, detalhadas com opiniões indignadas dos jornalistas/comentaristas.

A opção pela cobertura jornalística narrada/analizada por especialistas cobre uma dupla função. No telejornalismo dos canais 24 horas, eles ocupam parte expressiva do tempo de veiculação, e ao serem inseridos entre diferentes coberturas externas (ao vivo ou gravadas) desvelam conteúdos, apresentam possibilidades, explicam o material.

De forma ampla, as empresas jornalísticas tentam imputar aos profissionais da imprensa as qualidades genéricas atribuídas ao jornalismo, e eles mesmos se tornam fiadores da fidelidade dos fatos. Mas o material opinativo – como o próprio nome já sugere – vem impregnado do ponto de vista da empresa e, por isso mesmo é atrativo para a empresa e para a parcela dos receptores que concordam com enquadramento adotado, mas representa uma restrição para a exibição de conteúdos informativos.

No caso da cobertura dos atos de 8 de janeiro de 2023 essa relação é bastante evidente, mas também um reconhecimento de que uma parte dos receptores, tendo optado por buscar informações nas redes sociais, não estariam aderindo a essa audiência.

É importante acrescentar que ao evitar a cobertura externa em momentos de violência a Rede opta também pela preservação dos equipamentos. Contudo, essa opção não representa uma regra. De fato, em outras situações potencialmente perigosas – como ações policiais nas favelas/comunidades do Rio de Janeiro (Temer, 2014), a Rede Globo não poupou equipamentos nem repórteres que usaram coletes à prova de bala para fazer a cobertura. A ausência dos profissionais na cobertura da invasão dos prédios na Praça dos Três Poderes, portanto, reflete tanto uma opção editorial, quanto uma maior confiança em novos equipamentos que possibilitam a captação da imagem a uma maior distância.

7. Considerações Finais

Em função de disputas de audiência, o telejornalismo tem buscado coberturas diferenciadas, com investimentos em conteúdos colaborativos e participativos, em ações que ampliam o acesso às fontes, mas também criam novas possibilidades de vínculos com o público. Paralelamente, a formação da Rede que uniu os canais

abertos que compõe a Rede Globo com a GloboNews mostra que a opção pelos conteúdos opinativos não deve ser desprezada.

Os conteúdos participativos e colaborativos possibilitam não apenas reflexões e comentários diversos, mas também favorecem uma constante repetição e reapresentação. No caso específico da cobertura analisada, essa reapresentação reverberou por toda a semana, e além, eventualmente com novas cenas sendo agregadas e velhas imagens trabalhadas com recursos técnicos que identificavam os participantes e elementos sonoros.

No conjunto, entende-se que a excepcionalidade dos fatos gerou uma cobertura diferenciada, mas também um material que serviu para analisar os novos caminhos para os quais aponta o telejornalismo.

A metodologia qualitativa nos permite analisar como esse ambiente afetou aspectos práticos da cobertura telejornalística das ações do dia 8 de janeiro de 2023. Uma vez que a pesquisa qualitativa ressalta as significações que estejam contidas nos atos e práticas, o método qualitativo permitiu a compreensão dos fenômenos decorrentes das especificidades do objeto de análise deste artigo.

Por não ser a ênfase em quantidade, a pesquisa qualitativa nos possibilitou a realização de uma análise sobre um objeto único de investigação, ou seja, o fenômeno de cobertura jornalística de um episódio impactante e particular da comunicação, onde o olhar do pesquisador, o contexto social e as consequências do próprio fenômeno fazem parte do escopo das análises críticas, interpretações e conclusões do estudo.

8. Referências

ARENDDT, H. *Verdade e Política: Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Contexto, 1997.

BECKER, B. Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. *Matrizes*, USP, São Paulo, 5(2):231-250, 2012. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v5i2p231-250>.

BRANDINO, G. *Liberdade de expressão e imprensa enfrentam cenário de violações sistemáticas, dizem especialistas*. Folha Uol. 08 Mai, 2021. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/liberdade-de-expressao-e-imprensa-enfrentam-cenario-de-violacoes-sistematicas-dizem-especialistas.shtml>.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FARIAS, V. *Jornalistas são agredidos em manifestação a favor de Bolsonaro em Brasília*. Jornal O Globo. 03 Mai, 2020. <https://oglobo.globo.com/brasil/jornalistas-sao-agredidos-em-manifestacao-favor-debolsonaro-em-brasilia-24408203>.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCISCATO, C. E.; GÓES, J. C. Contribuições para a Teoria do Enquadramento para Compreender o Sensacionalismo no Jornalismo. *Animus — Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 11(22), 2012. DOI: <https://doi.org/10.5902/217549776564>.

GADINI, S. L. Em busca de uma teoria construcionista do jornalismo contemporâneo. *FAMECOS*, 14(33):79–88, 2008. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2007.33.3438>.

MAGALHÃES, I. *Introdução - A análise de discurso crítica*. DELTA, São Paulo 21, Especial:1-9, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300002>.

MALHOTRA, N. K. *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*. Porto Alegre: Bookman, 2006.

Relatório Human Rights Watch. *World Report 2020*. Human Rights Watch (hrw.org), 2020. <https://www.hrw.org.pt/world-report/2020>.

SODRÉ, M. *A narração do fato - notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, M. *O Monopólio da Fala: Função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2001.

TEMER, A.C.R.P. As imagens das câmeras de vigilância e suas consequências na narrativa telejornalística. In: Maia, J. F., Pavan, R.; Farias, S. J. (Org.). *Estudos contemporâneos do jornalismo* 3, Goiânia: Gráfica UFG, 215-230, 2015.

TUZZO, TEMER, 2024

TEMER, A.C.R.P. Da Rocinha para Ipanema: as contradições da imprensa e o olhar do telejornalismo. In: Dias, L. O., Farias, S. J.; Maia, J. F. (Org.). *Estudos Contemporâneos do Jornalismo 2*. Goiânia: FIC/UFG, 257-278, 2014.

TEMER, A.C.R.P.; Santos, M. Conteúdos colaborativos e novas possibilidades do telejornalismo. *Interin* (UTP), 26, 8-25, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35168/1980-5276.UTP.interin.2021.Vol26.N2.pp8-25>.

TUCHMAN, G. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: Traquina, Nelson. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'*. Lisboa: Vega, 74-90, 1999.

TUZZO, S.A.; TEMER, A.C.R.P. As jornalistas sob ataque: um estudo sobre as agressões às profissionais de imprensa em uma sociedade polarizada. *Lumina*, [S.l.], 15 (3):58-74, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2021.v15.35226>.

Recebido: 04/02/2024.

Aprovado: 05/03/2024.